

QUEM ENCONTROU SABEDORIA, ENCONTROU VIDA NAS SENDAS DA JUSTIÇA E DO DIREITO (Pr 8)

Mercedes Lopes

Resumo

No contexto de um mundo em transição, em vista da construção de uma sociedade mais justa e sustentável, este artigo apresenta um estudo do cap. 8 do livro dos Provérbios. Seguindo os passos da exegese bíblica, o texto é situado em seu contexto histórico, analisa a estrutura do texto, seus gêneros e estilos literários. No final, comenta os novos conteúdos que surgem do caminho percorrido, oferecendo uma nova visão de Deus que possibilita a prática da justiça e uma postura ética e cuidadosa com todas as formas de vida.

Palavras-chave: *Sabedoria. Justiça. Transição. Futuro.*

Abstract

Within the context of a world in transition, with the possibility of building a fairer and sustainable society, this article presents a study of the chapter 8 of the book of Proverbs. Following the footsteps of biblical exegesis, the text is set in its historical context; analyzes their structure, literary genres and styles. In the end, it comments the new contents that come from the path, offering a new vision of God allowing the practice of Justice and an ethical and caring posture with all forms of life.

Keywords: *Wisdom. Justice. Transition. Future.*

Introdução

A ausência de limites na utilização e exploração dos recursos naturais coloca o planeta Terra em perigo, com seus bilhões de seres vivos. Em contrapartida, muitas são as iniciativas de organizações governamentais, não governamentais,

religiosas, e também de grupos espontâneos para que esta época de transição seja em direção a outro modelo de sociedade, com formas mais sustentáveis de vida.

Uma era de maior sustentabilidade supõe, em primeiro lugar, a erradicação da miséria e a defesa dos direitos de todos os seres vivos. Mas, para que a sociedade caminhe em direção a uma era de maior sustentabilidade, será necessário que cada pessoa individualmente e coletivamente assuma posturas éticas, baseadas na justiça, no direito e no reconhecimento da dignidade de todos os seres.

O caminho para garantir a vida do planeta precisa ser trilhado passo a passo, integrando conflitos e fracassos sem desanimar, nem perder o foco. O exercício da cidadania responsável só é possível através da liberdade consciente que faz escolhas em vista do bem-viver de todos. Para isso, necessita-se de sabedoria. É neste sentido que busco iluminar este tempo de transição com o texto de Provérbios 8, onde a sabedoria afirma que “caminha pela senda de justiça e anda pelas veredas do direito” (8,20). Apresentando-se como “artista do universo” (8,30), ela garante: “quem me encontra, encontra a vida e goza do favor de Javé” (8,35)¹.

1. Contexto de Provérbios 8

Situo o texto de Pr 8 no final da época persa, tendo como ambiente principal da sua tradição oral a casa ou o clã. Pela beleza do escrito, pode-se supor que tenha sido elaborado em alguma escola de sábios de Judá, no final de séc. IV aC. Para ajudar-me nessa contextualização e poder interpretar um pouco melhor a figura da sabedoria, apresentada nesse texto, resgato uma contribuição de Silvia Schroer sobre essa época: “a queda da monarquia e a destruição do templo de Jerusalém sacudiram maciçamente a ordem patriarcal estabelecida e, neste sentido, as mulheres tiveram novas chances, porque os padrões tradicionais de funções sociais e os sistemas da fé já não tiveram autoridade automática. De repente, a religiosidade de Israel estava ligada fortemente à família e ao clã, como na época pré-estatal”². Outros dados da história antiga podem ajudar-nos a perceber a conjuntura internacional que influenciou a vida de Judá no pós-exílio, de modo especial no período persa, época em que foi escrito nosso texto. Rudi Tünermann afirma que, “com a queda do reino da Lídia (547 aC), estabeleceu-se um relacionamento direto entre persas e gregos que não mais iria ser interrompido até o final do império persa em 333 aC”³. Certamente, o relacionamento entre persas e gregos não se limitava ao nível do comércio e das guerras, mas possibilitava debates filosóficos que exigiam uma nova ordem social. “Muito cedo, os judeus

1. Seguimos a versão da *Bíblia de Jerusalém*.

2. SCHROER, Silvia. A caminho para uma reconstrução feminista da história de Israel, em *Feministische Exegese – Forschungserträge zur Bibel aus der Perspektive von Frauen*, p. 27.

3. TÜNERMANN, Rudi. *As reformas de Neemias*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal e Paulus, 2001, p. 13.

tiveram contato com as posturas filosófico-intelectuais diametralmente opostas dos gregos e persas, e eles precisaram confrontar-se com ambas”, comenta Antonius H.J. Gunneweg⁴.

A influência egípcia também exigiu discernimento e reflexão. Não resta dúvida de que há influência egípcia no livro dos Provérbios além daquelas que constam da terceira seção do livro, intitulada Coleção dos Sábios (22,17–24,22) e que possui uma grande semelhança com as “máximas de Amenemope”, escritas no Egito entre os séculos 12 e 13 aC⁵. Para ilustrar esta influência egípcia no livro dos Provérbios, recolho uma afirmação de Marcelo Ghelman: “as escavações de Elefantina demonstraram que os colonos judaicos do sul do Egito liam os ‘Provérbios de Ahiqar’, procedentes sem dúvida de um ambiente cultural não judaico”⁶.

Porém, essa influência da sabedoria de outros povos não leva o povo de Israel a perder o núcleo central da sua fé, com seus valores e tradições. Desde a época do exílio na Babilônia, o povo judaíta toma consciência de que, apesar de todos os desastres e desafios da complicada conjuntura em que vivem, eles estão totalmente vinculados ao seu passado e reagem a estas situações novas de acordo com as novas tendências, porém, sempre a partir de sua tradição histórica.

Carlos Mesters apresenta quatro pontos que caracterizam esta nova consciência dos judeus: 1. A consciência de continuidade histórica; 2. A relativização do passado em função do valor absoluto possuído no presente; 3. A preocupação em mostrar modelos de ação que provoquem a caminhada do povo para o futuro; 4. O desejo de ser fiel, apesar de todas as resistências e dificuldades encontradas no caminho⁷.

Para ampliar a visão desse contexto, apresento um resumo do gráfico de Norman K. Gottwald que demonstra os ambientes onde surgiram a sabedoria bíblica. Segundo o autor, a sabedoria de Israel é gerada em três ambientes sócio-históricos: 1. Há uma “sabedoria de clãs” que percorre toda a história de Israel, desde a época pré-monárquica até o exílio e a restauração; 2. A sabedoria real começa com a monarquia unida e continua no pós-exílio com os escribas do governo colonial judaico; 3. Os escribas deuteronômicos começam com a monarquia

4. GUNNEWEG, Antonius H.J. *História de Israel – Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até nossos dias*, p. 227.

5. NICACCI, Alviero. *A casa da sabedoria: Vozes e rostos da sabedoria bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 50s.

6. GHELMANN, Marcelo. *Literatura de sabedoria e outras formas literárias*, em <http://www.tryte.com.br/judaismo/colecao/br/livro7/17cap2-7.htm>, em 14.05.06 às 8:16h.

7. MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 7ª edição, 1993, p. 104.

davídica e continuam depois do exílio como escribas da Torá⁸. Embora reconheça que há sérios obstáculos para seguir o rumo que a sabedoria tomou no período pós-exílico, Norman Gottwald deixa clara esta possibilidade de que a casa, ou seja, a família estendida seja o ambiente principal da elaboração destes poemas mais recentes do Livro dos Provérbios.

2. Estrutura de Provérbios 8,1-36

Uma das maneiras de apropriar-nos de um texto é buscar perceber a forma como este foi tecido, isto é, como foram organizados os diferentes conteúdos que o compõem. Neste item, apresentarei minha própria visão da estrutura de Provérbios 8:

A. – convite e exortação da sabedoria (v. 1-11).

1. A sabedoria é como profetisa que grita em lugares públicos (v. 1-3).
2. Ela mostra a importância e o valor dos seus ensinamentos (v. 4-11).

B. A sabedoria se revela e mostra os seus dons (v. 12-21)

1. Ela possui os dons messiânicos de Isaías 11 (v. 12-16).
2. Convida para um encontro com ela (v. 17-21).

B'. A sabedoria é parceira de Deus na criação (v. 22-31).

1. A sabedoria existe desde antes da criação (v. 22-25).
2. A sabedoria é artista do universo, junto de Javé (v. 26-31).

A'. Exortação da sabedoria e convite à decisão (v. 32-36).

1. Promete felicidade para quem a escuta (v. 32-34).
2. Desafia seus ouvintes a escolher entre vida e morte (v. 35-36).

Percebo que há uma estrutura concêntrica em Pr 8,1-36, formada pelo gênero da instrução, com suas motivações e exortações. Este gênero aparece no início (v. 1-11) e no final do cap. 8 (v. 32-36), formando a inclusão para os dois poemas revelatórios da sabedoria (v. 12-21 e v. 22-31). Estes dois poemas centrais, ao mesmo tempo em que recolhem a tradição sapiencial de Israel, apresentam também a nova situação em que se encontram as famílias de Judá, no final do império persa, e as circunstâncias que lhes permitem expressar com mais liberdade suas experiências religiosas ligadas à vida cotidiana, na casa e no clã.

8. GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988, gráfico 10, p. 527.

3. Gênero literário

Quanto aos gêneros literários, encontramos uma apresentação (8,1-3), duas instruções (v. 4-11 e 32-36) e dois poemas (v. 12-21 e 22-31), neste capítulo. Na apresentação (v. 1-3), há um alerta, feito em terceira pessoa, atraindo a atenção para a figura da sabedoria, que está chamando (v. 1) e gritando (v. 3), nos lugares públicos para obter a atenção das pessoas e poder instruí-las. A primeira instrução está nos v. 4-11, onde a sabedoria se dirige aos seus ouvintes, mostrando a importância de seus ensinamentos.

O primeiro poema (v. 12-21), traz características bastante significativas da poesia hebraica, como a antítese. Como exemplo, apresentei aqui uma antítese que está elaborada em forma de quiasmo (v. 7-8):

A – meu paladar pronuncia a verdade	B – distorção em meus lábios é maldade
B' – não há neles nada pervertido	A' – na justiça todos os dizeres da minha boca

Neste quiasmo transparecem os valores que a sabedoria quer inculcar em seus ouvintes: “verdade” e “justiça” (A e A'). Com clareza transparecem também as posturas que ela condena: “perversão” e “distorção” (B e B').

Todo o primeiro poema (v. 12-21) é construído através de antíteses, repetições, paralelismos e comparações que revelam o rosto da sabedoria e os bens que ela oferece. As palavras usadas são próprias do vocabulário sapiencial e estão relacionadas entre si, através da poesia que gera ritmo e sentido novos, criando um espaço invisível entre as frases e linhas⁹. Um dos novos sentidos deste poema (v. 12-21) está representado pelo espaço de atuação da sabedoria, combinando palavras do vocabulário sapiencial com verbos: Eu, a sabedoria, moro com a sagacidade e conhecimento encontrei na reflexão (v. 12).

Encontra-se ainda neste poema (Pr 8,12-21) uma releitura de Is 11,2-5, onde nos deparamos com uma corrente messiânica muito atual: ela se fundamenta na justiça e na busca da paz universal. O messias anunciado por Isaías “não julgará segundo a aparência, nem dará sentença só por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça e com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra” (Is 11,3-4). É a prática da justiça que traz a paz universal, gerando uma nova irmandade entre toda a criação (Is 11,6-9). A proposta da irmandade universal é expressa pela sabedoria através de um convite, aberto a todas as pessoas: eu amo aos que me amam e, madrugando por mim, me encontrarão (Pr 8,17). A sabedoria não está somente aberta ao amor e ao encontro que

9. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. Rio de Janeiro: Publicações CRB e São Paulo: Loyola, 1993, 3ª edição, p. 66 (Tua Palavra é Vida, 4).

o cultiva; ela deixa bem claro o caminho para quem quiser realizar a utopia de uma nova sociedade: “eu caminho pela senda da justiça e ando pelas veredas do direito” (8,20).

No segundo poema (v. 22-31), cria-se um tempo anterior ao tempo histórico e até mesmo ao momento da criação. Este espaço cósmico é formado pelos advérbios “antes”, “desde” e “quando”, repetidos no início de cada frase. O tempo anterior à criação é criado em um ritmo envolvente, através de algumas repetições de advérbios e de elementos da natureza, como “terra” (v. 23.29), “abismo” (v. 24.27.28), “mananciais de água e fontes do abismo” (v. 24.28). A repetição é um recurso importante da poesia hebraica. Neste texto, ela tem a função de criar um espaço e um tempo primordiais próprios para a apresentação da sabedoria criadora do universo, ao lado de Javé. Ao concluir sua apresentação, a sabedoria usa outra expressão poética para mostrar sua leveza: “eu dançava¹⁰ na superfície da terra e me deliciava com a humanidade” (v. 30-31).

Entre as palavras repetidas e aproximadas com cuidado e arte encontra-se um sentido escondido. No texto não aparecem os nomes de Javé e da Sabedoria. Mas está claro que estes poemas apresentam uma visão da espiritualidade das famílias judaítas, no pós-exílio. Uma espiritualidade marcada pela experiência do prazer, da integração com a natureza, das relações interpessoais que se expressam na casa, nas liturgias domésticas. Sim, porque dançar diante de Javé também é liturgia. A espiritualidade que transparece neste texto não tem uma visão solitária da divindade. Javé, que está subtendido no texto, tem a sabedoria ao seu lado, em prazerosa e criativa relação, enchendo de alegria e de prazer o universo (v. 30-31).

O cap.8 fecha-se com outra instrução (v. 32-36) que retoma o gênero exortativo dos v. 4-11. Esta última parte do nosso texto inicia-se com uma conjunção que tem o valor de consequência: “portanto, filhos, escutai-me!” Esta exortação final possui duas bem-aventuranças, formadas através do paralelismo, outra característica da poesia hebraica:

felizes os que guardam meus caminhos (v. 32b)
feliz a pessoa que me escuta (v. 34a).

Nesta última instrução aparece também uma antítese que conclui o capítulo, deixando bem clara a necessidade de fazer-se uma escolha entre vida e morte. Quem escolhe a sabedoria, está escolhendo a vida e o caminho para encontrá-la. Quem a rejeita, está no caminho da morte:

10. Traduzi *mešaheqet* como “dançava” por encontrar esta possibilidade no *piel* particípio e também porque esta opção me parece ser mais coerente com o campo semântico do texto. Ao mesmo tempo em que a expressão “dançava” mostra o ambiente de alegria gerado pela obra da criação, deixa ver também um ambiente litúrgico onde o corpo está totalmente integrado no reconhecimento do dom de Deus. Aqui, o texto é quase um ícone.

“Pois quem me encontra, encontra a vida e obtém o favor de Javé.

Mas, quem peca contra mim faz mal a si mesmo.
Os que me odeiam amam a morte” (v. 35-36).

Em todo o texto, palavras e forma se unem para criar um desenho especial e único com o objetivo de dar visibilidade à figura da sabedoria que se apresenta publicamente, oferece os seus dons e se revela como doadora de vida.

4. Conteúdos

Inicialmente, a sabedoria mulher é apresentada como profetisa que grita com alegria, força e autoridade em lugares públicos, chamando todas as pessoas para que venham a seu encontro (v. 1-3). A abrangência dos destinatários principais da sabedoria fica determinada pela expressão “filhos de Adão”, que é genérica e inclusiva (v. 4). Somente em um segundo momento ela se dirige aos “ingênuos” e “insensatos” (v. 5), particularizando seu convite. Ela tem uma opção preferencial pelos mais desprezados no contexto social da época. Na literatura sapiencial eles são sempre apresentados como o oposto dos sábios, prudentes e justos.

Depois de ter sido apresentada em terceira pessoa (v. 1-3), a sabedoria toma a palavra e se revela, oferece seus ensinamentos e mostra, através de comparações, o valor imenso dos seus dons: seus ensinamentos valem mais do que o ouro puro, muito mais do que pérolas e joias (v. 10-11.19). Embora consciente de seu valor, ela está totalmente aberta aos que a amam e a buscam, sem colocar nenhuma outra condição para ser encontrada a não ser o desejo.

Um traço muito importante para se obter uma visão da sabedoria em Pr 8 é sua relação com a justiça. Ela caminha pelas “sendas da justiça” (v. 20a) e pelas “veredas do direito” (v. 20b). Mas, a justiça e o direito não representam apenas uma postura ética pessoal da sabedoria. Ela dita “sentenças justas” (v. 8) e leva os governantes a serem justos e a exigir a justiça (v. 15-16). Sua definição ética é muito clara e não pode suportar “lábios mentirosos” (v. 8). A Septuaginta entendeu este aspecto e acrescentou, a partir do seu contexto, que a sabedoria mulher não suporta a “fraude”¹¹.

Estas expressões que mostram a sabedoria mulher ligada à prática da justiça e do direito têm uma relação muito forte com a religião de Israel. Elas refletem uma questão social subjacente ao texto e, ao mesmo tempo, apresentam um aspecto ético característico da experiência religiosa que gerou o povo bíblico: a experiência do êxodo.

11. Confira em *Biblia Septuaginta id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*, editada por Alfred Rahlfs, New York: American Biblical Society, vol. 2, 1950 v. 8 e 13.

No segundo poema (v. 22-31), a figura da sabedoria vai crescendo. Inicialmente, ela é apresentada como criada por Javé (v. 22). Aquela que foi apresentada como profetisa em lugares públicos e muito movimentados, gritando junto às portas da cidade, toma a palavra e se autoapresenta como possuidora de dons muito importantes para a esperança messiânica, dentro da situação concreta do pós-exílio.

Logo, há um salto, uma mudança total de ambiente. Cria-se um espaço e um tempo próprios, onde a Sabedoria se revela como artífice junto de Javé na obra da criação (8,22-31). Introduzido pelo verbo “criar” *qnh*, todo este poema (v. 22-31) celebra a força criadora de vida. Desde o primeiro verso, já estamos no âmbito mitológico da criação, carregado de emoção pela sua beleza e força. Em um ritmo sereno e harmonioso, o poema nos conduz através da terra e dos abismos, até os mananciais de água (v. 24). Eleva-nos pelas montanhas e colinas até os céus, para contemplar do firmamento a abóbada que se traçava sobre a face do abismo (v. 27). Toma-nos pela mão e nos leva às origens do universo para mostrar ali a presença da sabedoria, junto com Javé, como a grande “artista” *'amon* do cosmos (v. 30-31)¹².

Há, ainda, traços muito importantes do rosto da sabedoria em Pr 8, que merecem ser ressaltados. Ela proclama bem-aventurados os que guardam seus caminhos (v. 32) e todos aqueles que a escutam, velando à sua porta todos os dias (v. 34). São pessoas bem-aventuradas e felizes porque, buscando-a, haverão de encontrá-la e, encontrando-a, terão encontrado o dom maior: a vida (v. 35). Esta conclusão enfatiza a importância de buscar sabedoria, pois ela prepara o olhar para descobrir caminhos de vida e ilumina a inteligência para escolher determinadamente estes caminhos.

5. Considerações finais

Evidenciei neste estudo a íntima relação entre sabedoria e justiça, na tradição sapiencial de Israel e, especificamente, em Pr 8. Na introdução do livro dos Provérbios (1,2-3) afirma-se que a sabedoria é imprescindível para o conhecimento da justiça e do direito. A sabedoria afirma que tem os mesmos dons do messias que está cheio do espírito profético para estabelecer a justiça e restabelecer a harmonia do universo (Is 11). Este compromisso religioso de estabelecer e praticar a justiça é um dos aspectos mais importantes da identidade do povo bíblico. Ele mantém viva a memória da libertação do Egito e da dependência

12. É com este sentido que mantive o sentido literal do hebraico e da Septuaginta: “Javé me criou no princípio do seu caminho”, por entender que o verbo criar faz parte do campo semântico desta perícope, onde se apresenta o universo sendo criado como um trabalho artesão, trabalho criativo e artístico, realizado pela “sabedoria” *hokmah*, junto de Javé (8,30). Este versículo é o ponto alto não somente deste capítulo, mas de toda a unidade (Pr 1-9).

tributária aos reis cananeus. O compromisso histórico/religioso de estabelecer a justiça e de cuidar da harmonia do universo possibilitou a aceitação do símbolo da sabedoria com suas múltiplas faces que retratam tanto a mulher da vida real, como o próprio Javé. Foi o tema da justiça que possibilitou esta formulação de um messianismo feminino em Pr 8,11-21.

Parece-me importante insistir que há neste texto (Pr 8) uma indicação da dependência mútua entre os sistemas sociais e os sistemas cósmicos. Esta relação torna-se visível e até mesmo paupável em nossos dias, com o crescente empobrecimento dos povos e o esgotamento das forças vitais do planeta Terra. Por isso, como afirma Leonardo Boff, “mais do que nunca, precisamos ter sabedoria. Sabedoria para captar as transformações imprescindíveis. Sabedoria para definir a direção certa. Sabedoria para projetar o sonho que nos guiará. Sabedoria, enfim, para priorizar as ações concertadas que vão traduzir este sonho em realidade”¹³.

Estou convencida de que estes belos poemas sobre a sabedoria mulher, em Provérbios, lidos a partir da vida concreta das mulheres do seu tempo e das mulheres de hoje, com suas lutas e suas conquistas, oferecem contribuições importantes para uma espiritualidade cristã mais integrada e mais transformadora. O símbolo da sabedoria mulher oferece elementos para articular uma linguagem sobre Deus mais próxima da vida humana, fazendo uma ligação entre a transcendência e o feminino e propondo relações novas entre todas as pessoas.

Concluindo, posso afirmar que o poema de Pr 8 deixa transparecer uma grande mudança cultural, social e religiosa em relação à mulher, à justiça, às relações, à integridade da criação, no período do pós-exílio. Não estarão estes aspectos de uma busca que também está presente nesta época de transição em que estamos vivendo?

Mercedes Lopes
Rua Capitão Teles, 439 – Centro
26551-190 Mesquita, RJ

13. Leonardo Boff, *O despertar da águia – O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 26.